

MITOS RAÍZES UNIVERSAIS

Centro Cultural San Martín. Buenos Aires, Argentina.

18 de Abril de 1991

Antes de iniciar o comentário sobre “Mitos Raízes Universais” gostaria de explicar que motivos me levaram a escrevê-lo e que relação guarda com minhas obras anteriores.

Em primeiro lugar os motivos:

Fui aos mitos das distintas culturas com uma intenção mais parecida com a da psicologia social do que com a das religiões comparadas, da etnologia e com a da antropologia. Me perguntei: por que não revisar os sistemas de idealização mais antigos, de maneira que, ao não estar diretamente comprometidos com eles, aprendamos, em perspectiva, muito mais sobre nós mesmos? Por que não nos introduzimos em um mundo de crenças alheias que certamente acompanharam outras atitudes vitais? Por que não nos flexibilizamos tanto quanto seja possível para compreender, com aquelas referências, porque cambaleiam hoje nossas crenças fundamentais? Estas tem sido minhas inquietudes motivadoras na hora de percorrer as produções míticas. Claro que poderíamos ter seguido o fio condutor da história das instituições ou das idéias ou da arte, para tentar chegar a base de crenças que operaram em diferentes tempos e lugares, mas em nenhum caso teríamos obtido fenômenos tão puros e diretos como os que nos apresenta a mitologia.

O projeto inicial do livro consistia em expor os mitos de diferentes povos acompanhando-os com breves comentários ou notas que não se constituíssem em uma interferência, uma interpretação. Logo no princípio me deparei com várias dificuldades. Em primeiro lugar, tive que limitar minha aspirações já que necessitava apelar a textos certificados pela verdade histórica, descartando outros que recolhiam materiais mais antigos, ou que comentavam-no, apresentando desse modo numerosos defeitos. Este problema, naturalmente, não pude superar mesmo quando me limitara a tomar os textos fonte, em base aos quais, havia chegado até nós a informação do caso. Por outro lado, tão pouco podia apelar a tradição oral que os investigadores atuais resgatam de coletividades fechadas. Sobre esta exclusão decidi-me pela observação de certas complicações metodológicas das quais dou um exemplo citando Mircea Eliade. Em “Aspects du Mythe”, este autor diz : “Em comparação com os mitos que narram o fim do mundo no passado, os mitos que se referem a um fim por vir são paradoxalmente pouco numerosos entre os primitivos. Como nos faz notar Lehman, esta raridade se deve talvez ao fato de que os etnólogos não tinham proposto estas perguntas em suas pesquisas. Às vezes é difícil precisar se o mito concerne a uma catástrofe passada ou por vir. Segundo o testemunho de E. H. Man, os andamaneses crêem que depois do fim do mundo aparecerá uma nova humanidade, que gozará de uma condição paradisíaca; já não haverão nem enfermidades, nem velhice, nem morte. Os mortos ressuscitarão depois da catástrofe. Porém, segundo R. Brown, Man havia combinado várias versões recolhida de fontes diferentes. Na realidade, precisa Brown, se trata de um mito que relata o fim e a recriação do mundo; mas o mito se refere ao passado e não ao futuro. Como segundo a observação de Lehman, a língua andamanesa não possui tempo futuro, é difícil decidir se se trata de um acontecimento passado ou futuro”. Nestas observações que faz Eliade aparecem pelo menos três discussões dos pesquisadores frente ao mesmo mito. 1. A possibilidade de que as pesquisas feitas com membros de uma coletividade, tenham sido mal formuladas; 2. Que as fontes informativas sejam homogêneas e 3. Que a língua em que se deu a informação não conta com um tempo necessário, justamente quando se trata de compreender um mito temporal.

Inconvenientes do tipo mencionado aos que se somaram muitos outros, me impediram, pois de aproveitar a grande massa informativa que nos entregam hoje os pesquisadores de campo. Deste modo, não pude somar a meus planos os mito da África Negra, da Oceania, da Polinésia e nem sequer os da América do Sul.

Ao prender-me aos textos mais antigos, me deparei com uma grande desproporção documental. Por exemplo, da cultura sumério-acádia contamos com o grande poema de Gilgamesh como obra quase completa e o restante dos fragmentos em nenhum caso chegam a sua altura. Por outro lado, a cultura índia nos aflige com sua enorme produção. Para conseguir um mínimo equilíbrio, recorri a tomar desta, “amostras” breves que competiam com aquela. Assim, utilizando os modelos sumério-acádio e assírio-babilônico, reduzi o material superabundante de outros povos e terminei pondo diante dos olhos de leitor os mitos, a meu juízo, mais significativos de dez culturas diferentes.

Por todo o dito anteriormente, devo reconhecer que o resultado é uma obra muito incompleta mas que no essencial, conseguiu destacar um ponto de importância no sistema de crenças históricas. Refiro-me ao que chamo de “mito raiz” e que entendo como aquele núcleo de idealização mítica que ainda que a deformação e transformação do cenário em que se desenvolve sua ação, ainda que as variações dos nomes, dos personagens e de seus atributos secundários, passem de povo para povo conservando seu argumento central mais ou menos intacto e com isso conseguiu se universalizar. O duplo caráter de “raiz” e de “universal” de certos mitos me permitiu centrar o tema e tomar aqueles que cumprissem com essas condições. Isto não quer dizer que eu não reconheça a existência de outros núcleos que não apresentei nesta recompilação sumária. Deste modo, creio ter respondido a pergunta sobre os motivos que me levaram a escrever este livro comentando, além disso, as dificuldades que encontrei para atingir os objetivos que me propusera inicialmente.

Mas ainda que ficam pontos para esclarecer. Me refiro a segunda pergunta que nos fizemos no começo, em torno da relação que guarda esta obra com minhas produções anteriores.

Muitos de vocês, seguramente, leram “O Olhar Interior” e possivelmente “A Paisagem Interna” e “A Paisagem Humana”. Recordarão que esses três livrinhos escritos em diferentes épocas foram compilados sob o título de “Humanizar a Terra”. A prosa poética me havia permitido fazer um deslizamento do ponto de vista que começando em um mundo onírico, pessoal, carregado de símbolos e alegorias, concluía na abertura ao interpessoal, social e histórico. Na realidade, existia como base dessa produção a mesma concepção que foi se desenvolvendo em obras posteriores, ainda que, com tratamentos e estilos diferentes. Nas Experiências Guiadas, uma sucessão de contos curtos me permitiu “montar” vários cenários possíveis nos quais se passava em revista distintos problemas da vida diária. Desde uma “entrada” mais ou menos irreal, o leitor podia se mover por cenas nas quais alegoricamente enfrentava a suas dificuldades. Depois se produzia um “nó” literário que aumentava a tensão geral da cena, um desenlace e, finalmente, uma “saída” ou final auspicioso. As idéias centrais das Experiências Guiadas eram estas: 1. Assim como nos sonhos aparecem imagens que são expressões alegorizadas de tensões profundas, na vida cotidiana ocorrem fenômenos parecidos aos quais não se presta muita atenção, são os sonhos e as divagações que convertidos em imagens, são portadores de cargas psíquicas que cumprem com funções de muita importância para a vida. 2. As imagens permitem mover o corpo em uma direção ou outra, mas estas não são somente visuais, há imagens correspondentes aos distintos sentidos externos e são elas que permitem uma abertura da consciência ao mundo mobilizando o corpo. Agora vejamos, como também existem os sentidos internos, correlativamente se produzem imagens cuja carga é disparada ao interior e ao fazê-lo consegue diminuir ou aumentar as tensões do intracampo. 3. Toda a biografia, quer dizer, a memória de uma pessoa, também atua através de imagens que estão associadas às distintas tensões e climas afetivos com os quais foram “gravadas”. 4. Essa biografia está atuando continuamente em cada um de nós e, portanto, em cada nova percepção não captamos passivamente o mundo que se apresenta a nós mas na verdade atuam as imagens biográficas como “paisagem” previamente constituída. Deste modo e a diariamente, realizamos distintas atividades “cobrindo” o mundo com nossos sonhos, compulsões e aspirações mais profundas. 5. A ação ou a inibição frente ao mundo está estritamente ligado ao tema da imagem, de maneira que suas transformações são também chaves importantes da variação de conduta. Sendo possível transformar as imagens e transferir suas cargas, é necessário inferir nisso que em tal caso ocorrerão mudanças de conduta. 6. Nos sonhos e fantasias, na produção artística e nos mitos, aparecem imagens que respondem às tensões vitais e às “biografias”, seja de indivíduos ou povos. Estas imagens

são orientadoras de condutas também individuais ou coletivas segundo seja o caso. Essas seis idéias enunciadas estavam na base da “Experiências Guiadas” e por isso muitos leitores haviam encontrado nas notas que as acompanham, material reelaborado de antigas lendas, histórias e mitos, ainda que aplicados ao leitor individual ou talvez os que compartilham esses escritos em pequenos grupos.

Passando a minha produção mais recente, “Contribuições ao Pensamento”. A ninguém escapa que seu estilo é o do ensaio filosófico. Dos dois trabalhos do livro, se estuda respectivamente a Psicologia da imagem (em uma quase teoria da consciência) e o tema da história. Os objetos de investigação são, por certo, muito diferentes mas em definitivo o tema da “paisagem” e os anti-predicativos épicos, quer dizer, das crenças, tem em ambos seu ponto de união. Como se pode ver, o atual *Mitos Raízes Universais* conserva uma estreita relação com as obras anteriores ainda que aqui se enfatizem nas imagens coletivas e, por outro lado, se verifique uma nova mudança no modo expositivo. Sobre este particular queria agregar que não considero este momento em que vivemos como adequado para a produção sistemática e de estilo uniforme. Creio sim no contrário, a época pede diversificação para que as novas idéias cheguem a seu destino.

Mitos Raízes Universais se apóia na mesma concepção das outras obras e creio que qualquer novo livro manterá essa continuidade ideológica, ainda que trate sobre temas diversos e o estilo e o gênero expositivo variem uma vez mais. Enfim, me parece que expliquei sinteticamente os motivos que deram lugar ao escrito atual e as relações que este guarda com outros anteriores. Esclarecido o anterior, entremos no tema dos Mitos Raízes.

O uso da palavra “mito” sempre foi diverso. Já desde Jenófanes, há dois mil e quinhentos anos, se começou a utilizar para rechaçar aquelas expressões de Homero e Hesíodo que não se referem a verdades provadas ou aceitáveis. Depois “mitos” foi opondo-se a “logos” e a “história” que, por sua parte, davam a razão das coisas ou relatavam fatos realmente acontecidos. Pouco a pouco o mito foi dessacralizado e se assimilado como algo próximo da fábula ou da ficção, ainda que tratando de deuses nos quais ainda se acreditava. Foram também os gregos os primeiros a tentar compreensões suficientes sobre este fenômeno. Alguns utilizaram uma espécie de método de interpretação alegórico e pesquisaram as razões subjacentes à cobertura mítica. Desse modo, pensaram que aquelas produções fantásticas eram rudimentos explicativos de leis físicas ou fenômenos naturais. Mas já no agnosticismo Alexandrino e em épocas da patrística cristã, tratou-se de compreender o mito como alegorização também de certas realidades que, na época, eram próprias da alma; hoje diríamos próprias da psique. Com um segundo método interpretativo se tentou rastrear os antecedentes histórico do alvorecer da civilização. Assim, os deuses eram apenas vagas lembranças nas quais os antigos heróis haviam sido elevados de sua condição mortal. De acordo com isso, os acontecimentos que eles relatavam também dignificavam excessivamente fatos históricos que na realidade, haviam sido muito mais modestos. Essas duas vias que usaram para compreender o mito (desde então existiram outras) chegaram até nós. Em ambos casos subentende-se a idéia da “deformação” dos fatos e do encanto que essa modificação produz na mentalidade ingênua. É certo que os mitos foram utilizados pelos grandes trágicos gregos e que, de algum modo, o gênero teatral derivou da representação dos acontecimentos míticos, mas neste caso o encanto sobre o espectador era de tipo estético e comovia por sua qualidade artística e não porque se acreditava nessas representações. É no orfismo, no pitagorismo e as correntes neoplatônicas, que o mito cobra um novo sentido: atribui-se a ele um certo poder de transformação no espírito de quem se põe em contato com ele. Assim representando cenas míticas os órficos pretendiam conseguir uma “catarse”, uma limpeza interior que lhes permitia posteriormente ascender a compreensões maiores na ordem das idéias e das emoções. Como podemos ver, todas estas interpretações chegaram a nós e formam parte da idéias que tanto o público em geral como os especialistas manejam sem maiores questionamentos. Para falar a verdade, o mito grego se obscureceu durante muito tempo no Ocidente até que com os humanistas no Renascimento e depois na época das revoluções européias, começou a caminhar de novo. A admiração pelos clássicos fez com que os estudiosos voltassem à fonte helênica. As artes foram tocadas por ela e assim o mito grego continuou agindo. Transformando-se uma vez mais, incrustou-se na base das novas disciplinas que estudam os

comportamentos humanos. Particularmente a psicologia profunda que nasce na Áustria, ainda impregnada do Neoclassicismo decadente, é tributaria daquelas antigas correntes, ainda que experimente já atração do irracionalismo romântico. Não é estranho que os temas de Édipo, Electra, etc... tenham sido tomados das tragédias gregas e que com eles se tenham dado explicações em torno do funcionamento mental instrumentando-se, além disso, as técnicas catárticas de recriação dramática na linha de concepção órfica.

Por outro lado, não seria demais diferenciar o mito da lenda, da saga, o conto e a fábula. No caso da lenda, efetivamente, a história se encontra modificada pela tradição. A literatura épica é muito rica em exemplos deste tipo. Com respeito ao conto, autores como de Vries, consideram que se afasta da lenda e introduz em seu seio elementos folclóricos com os quais se matiza o relato. Pois bem, a saga se aproxima do conto chegando quase sempre a um desenlace trágico, enquanto que o conto deriva em uma conclusão feliz.

De todo modo, tanto na saga pessimista como no relato otimista se introduzem muitas vezes elementos míticos dessacralizados. Um gênero muito diferente é o da fábula que oculta uma posição moral sob a roupagem da ficção. Estas distinções elementares servem a nossos efeitos para considerar as diferenças que existem com o mito, segundo nós vínhamos considerando, vendo nele a presença dos deuses e de suas ações ainda que estas se realizem por meio de homens, heróis ou semideuses. Assim, quando falamos de mitos nos referimos também a um âmbito tocado pela presença divina na qual se acredita e que contamina todos seus elementos constituintes. Muito diferente é referir-se a esses mesmos deuses mas em uma atmosfera dessacralizada, em um âmbito onde a crença se converteu em, por exemplo, deleite estético. Isto faz uma grande diferença na apresentação das mitologias em voga (que descrevem as crenças antigas de maneira externalizada e formal), com a exposição sacralizada desde “dentro” da atmosfera em que o mito foi criado. Em nosso trabalho aderimos à segunda atitude. Dela deriva o respeito pelos textos originais que em caso de falhas ou exigência de compreensão, completamos, mas destacando sempre em letra diferente e com as referências de cada caso, aquilo que não corresponde ao escrito original. Na verdade no presente livro há muito disto e se o pudesse interpretar com uma recriação paralela digo que o leitor sempre tem em vista o material básico, diferenciado do texto de nossa autoria.

Continuando com as diferenciações, é conveniente explicar que não nos imiscuímos na religião viva que sem dúvida acompanhou aos mitos, nem tampouco nos aspectos ritualísticos ou cerimoniais. Não entramos no Cristianismo, no Islamismo ou no Budismo, bastando apresentar alguns profundos mitos do Judaísmo, do Hinduísmo e do Zoroastrismo para compreender a poderosa influência que suas imagens tem neles. Deste modo, creio que se completou a idéia do mito raiz e universal.

Mas já contemporaneamente e na linguagem comum, a palavra “mito” indica duas realidades distintas. Por um lado, a dos relatos fantásticos sobre as divindades de diferentes culturas e, por outro, aquelas coisas em que se crê com força, mas que na realidade são falsas. Claramente, ambos significados tem em comum a idéia de que certas crenças tem forte arraigo e que a demonstração racional contra elas abre caminho com dificuldade. Assim, surpreende-nos o fato de que pensadores esclarecidos da antigüidade tenham podido acreditar em questões que nossos filhos escutam como contos na hora de dormir. As crenças na terra plana ou no geocentrismo fazem brotar um sorriso piedoso enquanto compreendemos que tais teorias não eram senão mitos explicativos de uma realidade sobre a qual o pensamento científico não havia dado sua última palavra. E assim, quando consideramos hoje algumas das coisas em que acreditávamos há poucos anos, não nos resta nada senão nos emburrarmos por nossa ingenuidade, enquanto somos capturados por novos mitos sem lembrar de que está ocorrendo o mesmo fenômeno do qual padecemos anteriormente.

Nestes momentos de vertiginosa transformação de nosso mundo temos assistido, correspondentemente, ao deslocamento de algumas crenças que sobre o indivíduo e a sociedade eram tidas como verdades absolutas há menos de uma década. Digo “crenças” ao invés de teorias ou doutrinas, porque me interessa destacar o núcleo dos anti-predicativos dos preconceitos que operam antes da formulação de esquemas mais ou menos científicos. Assim como as novidades tecnológicas são acompanhadas por expressões tais

como “fabuloso” ou “incrível”, que equivalem a um aplauso oral, também estamos nos acostumando a escutar o difundido “incrível” associado às mudanças políticas, a queda de ideologias completas, as condutas de líderes e formadores de opinião, aos comportamentos das sociedades. Mas este segundo “incrível” não coincide com o estado de ânimo que se manifesta perante o prodígio técnico, e sim reflete surpresa e desconcerto ante fenômenos que não se acreditavam possíveis. Assim simplesmente, grande parte de nossos contemporâneos acreditavam que as coisas eram de outro modo e que o futuro levava a outra direção.

Devemos, então, reconhecer que existiu um importante consumo de mitos e que isso tinha tido consequências nas atitudes vitais, no modo de encarar a existência. Devo advertir que não entendo os mitos como falsidades absolutas e sim como verdades psicológicas que coincidem ou não com a percepção do mundo em que nos toca viver. E há algo mais, essas crenças não são somente esquemas passivos mas tensões e climas emotivos que, plasmando-se em imagens, se convertem em forças orientadoras da atividade individual ou coletiva. Independentemente do caráter ético ou exemplificador que às vezes as acompanha, certas crenças possuem uma grande força referencial por sua natureza mesma. Não nos escapa que a crença referida aos deuses apresenta importantes diferenças com as fortes crenças dessacralizadas, mas ainda percebendo as distâncias reconhecemos, em ambas, estruturas comuns.

A débeis crenças com as quais nos movemos na vida diária, são facilmente substituíveis perto de comprovarmos que nossa percepção dos fatos foi equivocada. Ao contrário quando falamos de fortes crenças sobre as que montamos nossa interpretação global das coisas, nossos gostos e antipatias mais gerais, nossa irracional escala de valores, estamos tocando a estrutura do mito que não estamos dispostos a discutir em profundidade porque nos compromete totalmente. E mais, quando um desses mitos cai, sobrevive uma profunda crise na qual nos sentimos como folha arrastada pelo vento. Estes mitos privados ou coletivos orientam nossas condutas e de sua ação profunda só podemos advertir certas imagens que nos guiam em uma determinada direção.

Cada momento histórico conta com crenças básicas fortes, com uma estrutura mítica coletiva, sacralizada ou não, que serve a coesão dos conjuntos humanos, que lhes dá identidade e participação em um âmbito em um comum. Discutir os mitos básicos da época significa expor-se a uma reação irracional de diferente intensidade conforme seja a potência da crítica e o arraigo da crença afetada. Mas, logicamente, as gerações se sucedem e os momentos históricos mudam e assim o que em um tempo anterior era repellido, começa a ser aceito com naturalidade como se fosse a verdade mais plena. Discutir no momento atual o grande mito do dinheiro implica suscitar uma reação que impede o diálogo. Rapidamente nosso interlocutor se defende afirmando, por exemplo: “como é que o dinheiro é um mito, se é necessário para viver!” ou então “um mito é algo falso, algo que não se vê, já o dinheiro é uma realidade tangível mediante a qual se movem as coisas”, etc. De nada servirá que expliquemos a diferença entre o tangível do dinheiro e o intangível que acreditamos poder conseguir com o dinheiro, não servirá que observemos a distância entre um signo representativo do valor que se atribui às coisas e a carga psicológica que esse signo tem. Já teremos nos convertido em suspeitos. Imediatamente nosso oponente começa a observar-nos com um olhar frio que passa por nosso vestuário, exorcizando a heresia enquanto calcula os preços de nossa roupa que, indubitavelmente, custou dinheiro... reflete em torno a nosso peso e as calorias diárias que consumimos, pensa no lugar em que vivemos e assim sucessivamente. Nesse momento poderíamos abrandar nosso discurso dizendo algo assim: “Na verdade há que distinguir entre o dinheiro que se necessita para viver e o dinheiro que não é necessário”... mas essa concessão chegou tarde demais. Depois de tudo, ali estão os bancos, as instituições de crédito, a moeda em suas diferentes formas. Quer dizer, distintas “realidades” que atestam uma eficácia que aparentemente nós negamos. Bem vistas as coisas, nesta ficção pitoresca, não estamos negando a eficácia instrumental do dinheiro, o estamos dotando de um grande poder psicológico ao compreender que a esse objeto se atribui mais magia que a que realmente tem. Ele nos dará a felicidade e de alguma maneira a imortalidade, na medida que vá impedindo que nos preocupemos com o problema da morte. Este mito dessacralizado muitas vezes operou perto dos deuses. Assim, todos sabemos que a palavra “moeda” deriva de Juno Moneta, Juno Avisadora,

ao lado de cujo templo os romanos cunhavam, precisamente, a moeda. A Juno Moneta se pedia abundância de bens, mas para os crentes era mais importante Juno do que o dinheiro que da boa vontade deste derivava. Os verdadeiros crentes hoje pedem a seus deuses diferentes bens e, portanto, também dinheiro. Porém, se verdadeiramente crêem em sua divindade, esta se mantém no cume de sua escala de valores. O dinheiro como fetiche sofreu transformações. Pelo menos no Ocidente, durante muito tempo teve como respaldo o ouro, esse metal misterioso, escasso e atrativo por suas especiais qualidades. A alquimia medieval se ocupou em produzi-lo artificialmente. Era um ouro todavia sacralizado ao que se atribuía o poder de multiplicar-se sem limite, que servia como medicamento universal e que dava longevidade além de riqueza. Também esse ouro moveu afanosas buscas nas terras da América. Não me refiro somente a chamada “febre do ouro” que impulsionou aventureiros e colonizadores nos Estados Unidos, e sim do Eldorado que alguns conquistadores buscavam e que também esteve associado a mitos menores como o da fonte da juventude.

Mas um mito de forte arraigo, faz girar em torno de seu núcleo os mitos menores. Assim no exemplo que os ocupa, numerosos objetos estão influenciados por cargas transferidas do núcleo central. O automóvel que nos presta utilidade, é também um símbolo do dinheiro, do “status” que nos abre as portas a mais dinheiro. Sobre este particular, Geeley diz: “Basta visitar o salão anual de automóvel para reconhecer uma manifestação religiosa profundamente ritualizada. As cores, as luzes, a música, a reverência dos adoradores, a presença das sacerdotisas do templo (as modelos) a pompa e o luxo, o desperdício de dinheiro, a massa compacta (tudo isto constituiria em outra civilização em um ofício autenticamente litúrgico). O culto ao automóvel sagrado tem seus fiéis e seus iniciados. O agnóstico não esperava com mais impaciência a revelação oracular que o adorador do automóvel os primeiros rumores sobre os novos modelos. Nesse momento do ciclo periódico anual quando os pontífices do culto (os vendedores de automóveis), cobram uma importância nova, ao mesmo tempo que uma multidão ansiosa espera impacientemente o advento de uma nova forma de salvação”. Evidentemente não estou de acordo com a dimensão que esse autor atribui a devoção pelo fetiche-automóvel. Mas de todas as maneiras tem a virtude de aproximar-se da compreensão do tema mítico em um objeto contemporâneo. Na verdade trata-se de um mito dessacralizado e, portanto, talvez possamos ver nele uma estrutura similar a do mito sagrado, mas justamente sem sua característica fundamental de força autônoma, pensante e independente. Se o autor tem em conta os ritos da periodicidade anual, também vale sua descrição para as celebrações dos aniversários, Ano Novo, entrega de Oscar ou ritos civis semelhantes que não implicam em uma atmosfera religiosa como ocorre nos mitos sacralizados. Estabelecer as diferenças entre mito e cerimonial teria sido importante, ainda que tal coisa escapasse a nossos objetivos imediatos. Também teria sido de interesse estabelecer separações entre o universo das vontades míticas e o das forças mágicas nos quais a oração é substituída pelo rito de encantamento, mas também este tema está mais além do presente estudo.

Quando consideramos um dos mitos dessacralizados centrais dessa época (me refiro ao dinheiro), o tivemos em conta como núcleo de um sistema de idealização. Imagino que os ouvintes não tenham imaginado uma figura semelhante a que propõe o modelo atômico de Bohr na qual o núcleo é a massa central ao redor do qual geram os elétrons. Na verdade o núcleo de um sistema de idealizações tinge com suas peculiares características a grande parte da vida das pessoas. A conduta, as aspirações e os principais temores então relacionados com esse tema. A coisa vai ainda mais além: toda uma interpretação do mundo e dos fatos conectam-se com o núcleo. Em nosso exemplo, a história da humanidade tomará um caráter econômico e esta história se deterá paradisiacamente quando cessarem os conflitos que discutem a supremacia do dinheiro.

Enfim, tomamos como referência um dos mitos desacralizados centrais para nos aproximarmos do possível funcionamento dos mitos sagrados de que fala nosso livro.

Existem, de todas maneiras, grandes distâncias entre um sistema mítico e outro porque o luminoso, o divino, falta completamente em um deles e isso põe diferenças difíceis de elucidar. Seja como for, as coisas estão mudando a grande velocidade no mundo de hoje e assim, me parece ver que se fechou um momento histórico e se está abrindo outro. Um momento em que uma nova escala de valores e uma nova

sensibilidade parecem juntar-se. Ainda que não possa assegurar que novamente os deuses estão se aproximando do homem. Os teólogos contemporâneos sofrem a angústia da ausência de deus, tal como a experimentara Buber. Uma angústia que não pôde superar Nietzsche depois da morte divina. Ocorre que demasiado antropomorfismo pessoal existiu nos mitos antigos e talvez aquilo que chamamos Deus” se expresse sem voz através do destino da humanidade.

Se alguém me perguntasse cabalmente se espero o surgimento de novos mitos diria que isso, precisamente, está ocorrendo. Somente peço que essas forças tremendas que desencadeiam a história sejam para gerar uma civilização planetária e verdadeiramente humana em que a desigualdade e a intolerância sejam abolidas para sempre. Então, como disse um velho livro, “as armas serão convertidas em ferramentas de trabalho”.

Nada mais, muito obrigado.